

CORPOS EM EVIDÊNCIA: PROBLEMATIZANDO REPRESENTAÇÕES DE CORPOS FEMININOS

Fabiane Ferreira da Silva

Paula Regina Costa Ribeiro

Revista Labrys Estudos Feministas, n. 10, jul./dez. de 2006.¹

Resumo: Neste artigo, problematizamos as representações de corpo feminino das mulheres da Associação Movimento Solidário Colméia. Tais representações são produzidas por inúmeros discursos de beleza, saúde, feminilidade, moda, gênero, entre outros. O entendimento de corpo como superfície de inscrição de acontecimentos biológicos, sociais e culturais tem nos possibilitado pensar e discutir algumas questões, tais como gênero, sexualidade, mídia, beleza, saúde e moda. Tal entendimento nos oportuniza pensar o corpo como construção híbrida – biológica, histórica e cultural. Nesse estudo, estabelecemos algumas conexões com os Estudos Culturais e de Gênero, nas suas vertentes pós-estruturalistas.

Palavras-Chave: corpo feminino, representações, pedagogias culturais.

Apresentação

Neste artigo, buscamos problematizar o corpo como construção a partir da intersecção entre o biológico e o cultural – o que nos é dado pelo legado biológico, e o que nos é dado como cultural (Santos, 2002). É nessa direção, compreendendo o corpo como híbrido, que empreendemos a escrita deste texto, no sentido de problematizar alguns discursos e práticas socioculturais que transitam no tecido social, produzindo e (re)significando o corpo. Nesse sentido, temos analisado as narrativas² das mulheres que integram a Associação Movimento Solidário Colméia³, no município do Rio Grande-RS, produzidas durante os encontros do curso de extensão Mulher e Cidadania⁴. O referido curso utilizou-se da metodologia de grupo focal (Gatti, 2005) com o objetivo de conhecer e problematizar, a partir da interação grupal,

¹ Disponível em: <http://www.tanianavarroswain.com.br/labrys/labrys10/livre/fab.htm>

² Estamos entendendo a narrativa como uma modalidade discursiva em que as pessoas constroem os sentidos tanto de si quanto de suas experiências no processo de contar e ouvir histórias (Larrosa, 1994).

³ A Associação Movimento Solidário Colméia tem como principal objetivo possibilitar o resgate da cidadania e a melhoria da qualidade de vida das famílias que integram essa Associação. Essas famílias residem no bairro Castelo Branco, vivendo em situação de extrema pobreza, no município do Rio Grande-RS-Brasil.

⁴ Este curso foi organizado pelo Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola, da Fundação Universidade Federal do Rio Grande/FURG e teve como objetivo oportunizar espaços de reflexão e discussão acerca de temáticas que envolvem corpo, gênero e sexualidade.

representações, experiências, valores, hábitos, atitudes e crenças das mulheres da Colméia acerca do corpo, gênero e sexualidade. Dele participaram vinte mulheres, com idades entre 18 e 60 anos, que estavam em processo de escolarização (Educação de Jovens e Adultos) e qualificação profissional. As mulheres que participaram dos encontros são donas-de-casa, a maioria com companheiros/esposos e com 5 filhos em média. Tais mulheres apresentam extrema carência socioeconômica, sofrem ou sofreram abusos sexuais e maus tratos por parte dos maridos ou companheiros e, na maioria de suas famílias, há a ocorrência do alcoolismo e tabagismo, entre tantas outras questões.

O curso funcionou como um espaço narrativo, em que as mulheres participaram de um processo de contar e ouvir histórias a respeito de suas vidas, de suas experiências, do que pensam em relação aos seus corpos, à sua sexualidade, de suas crenças, conceitos, mitos, valores e atitudes, ou seja, um espaço no qual se aprende ou se transforma a experiência de si (Larrosa, 1994). Cabe destacar que os encontros do curso Mulher e Cidadania foram gravados em fitas VHS que foram transcritas e analisadas. Para tanto, elaboramos um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, informando às participantes os objetivos e procedimentos adotados ao longo dos encontros, esclarecendo os compromissos a serem assumidos por ambas as partes. A estratégia de análise consistiu em examinar as narrativas dessas mulheres – falas, cartazes, desenhos – o que elas contam sobre suas vidas, sobre suas relações familiares e de gênero, o que pensam sobre seus corpos e sobre sua sexualidade.

Organizamos a escrita deste texto em dois momentos. Primeiramente, buscamos discutir o corpo como invenção processada historicamente no âmbito de diversas práticas culturais e sociais, estabelecendo conexões com os Estudos Culturais⁵ e de Gênero⁶, pelo viés de suas vertentes pós-estruturalistas. A seguir, focalizamos uma das atividades realizadas com as mulheres da Colméia, buscando analisar as representações de corpo feminino dessas mulheres a fim de problematizar os discursos que inscrevem o corpo e que circulam em diversas instâncias socioculturais.

⁵ Os Estudos Culturais constituem-se em um campo de teorização, investigação e intervenção que estuda os aspectos culturais da sociedade. Sobre este tema, ver: Silva, 2004; Costa, 2004; Veiga-Neto, 2004.

⁶ Neste estudo, estabelecemos conexões com os Estudos de Gênero, pelo viés de suas vertentes pós-estruturalistas. “As abordagens feministas pós-estruturalistas se afastam daquelas vertentes que tratam o corpo como uma entidade biológica universal (apresentada como origem das diferenças entre homens e mulheres, ou como superfície sobre a qual a cultura opera para produzir desigualdades) para teorizá-lo como um construto sociocultural e lingüístico, produto e efeito de relações de poder” (Meyer, 2003a:16). Para discussões sobre esse tema, ver: Louro, 2004; Meyer, 2003a; 2003b; Nicholson, 2000; Scott, 1995.

Corpo: órgãos, sexualidade, beleza, saúde, geração, adornos...

Entender o corpo como “superfície de inscrição dos acontecimentos” biológicos, sociais e culturais têm nos possibilitado pensar e discutir muitas questões que estão presentes na nossa sociedade, tais como gênero, sexualidade, mídia, beleza, saúde, moda, entre outros (Foucault, 2006:22). Tal entendimento nos oportuniza pensar e discutir o corpo como construção híbrida – biológica, cultural e histórica.

Para Goellner (2003), não são as características biológicas que definem o corpo, mas, fundamentalmente, os significados construídos no contexto cultural e social.

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas (idem:29).

O corpo, portanto, adquire sentido socialmente. Assim, as inscrições de gênero e sexuais no corpo são feitas, sempre no âmbito de uma determinada cultura e, logo, com as marcas dessa cultura (Louro, 2001). Nesse sentido, passamos a compreender o corpo como construção, sobre a qual são inscritas diferentes marcas em diversos contextos culturais, tempos, espaços, grupos sociais, étnicos, raciais, entre outros. O corpo, assim entendido, não é algo dado *a priori*, “como se ele fosse dotado de essência(s) – biológica, histórica e/ou transcendental” (Souza, 2001:120-121).

O corpo é temporário, mutável e transitório. “O corpo se altera com a passagem do tempo, com a doença, com mudanças de hábitos alimentares e de vida, com possibilidades distintas de prazer ou com novas formas de intervenção médica e tecnológica” (Louro, 2001:14). O corpo está continuamente sendo reinventado e alterado de acordo com as inúmeras intervenções e opções presentes em cada cultura como, por exemplo, os produtos e serviços destinados ao corpo, ao seu cuidado, ao seu embelezamento, a sua saúde, como também, ao seu disciplinamento e governo.

No contexto desta discussão, cabe referir o que se entende por cultura, uma vez que o corpo é significado na e pela cultura. Na perspectiva dos Estudos Culturais, a cultura “tem a ver com a produção e o intercâmbio de significados – o ‘dar e receber de significados’ – entre

os membros de uma sociedade ou grupo” (Hall, 1997:2). Para Silva (2004:133-134), a cultura é “um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla”.

Tais significados não são constantes e fixos, nem preexistentes eles são fluidos, múltiplos, transitórios e incertos (Hall, 1997; Silva, 2004), sendo produzidos por diversas instâncias sociais – família, mídia, escola, igreja, hospital – e campos de saberes – biologia, psicologia, medicina, pedagogia, por exemplo – e circulam através de diferentes processos ou práticas culturais.

Essas instâncias e saberes desenvolvem determinadas “pedagogias culturais” (Steinberg, 1997) que produzem significados, veiculam saberes, transmitem valores que interpelam os indivíduos. Nessa perspectiva, existe pedagogia em qualquer lugar/tempo em que se ensinem aos sujeitos modos de ser, de pensar, de agir, de consumir, de comer, de vestir, de falar, etc., ou seja, onde se ensinem formas de estar no mundo e de relacionar-se com ele. Atualmente, os meios de comunicação de massa (jornais, revistas, rádio, televisão, etc.) constituem-se em importantes pedagogias culturais. Esses artefatos culturais têm o poder de nomear, classificar, transformar e definir o corpo, estabelecer, por exemplo, o que é considerado um corpo bonito, jovem, saudável, moderno e feminino (Goellner, 2003). Contudo, as representações – de beleza, juventude, saúde, entre outras – não são universais, nem mesmo fixas, são sempre provisórias, instáveis e variam conforme o local, o tempo, o contexto onde o corpo transita, vive, se expressa, se produz e é produzido.

Neste texto, centramos a discussão em torno das representações culturais de corpo (re)produzidas e (re)significadas em diversos espaços sociais e culturais. Portanto, é importante destacar o que estamos entendendo por representação. Na perspectiva dos Estudos Culturais, em suas vertentes pós-estruturalistas, as representações não espelham a realidade, ou seja, o mundo “real” tal como ele é em sua “essência”, mas sim são construídas discursivamente, a partir de redes de significados, instituídos e colocados em circulação através das linguagens – sons, palavras escritas, linguagem oral, imagens eletrônicas, imagens impressas, notas musicais, objetos, gestos, expressões – e implicam relações de poder⁷ (Hall, 1997). Nesse sentido, a maneira como falamos das coisas não somente fala sobre elas, mas as produz. Portanto, devemos prestar atenção nas formas como o corpo tem sido representado

⁷ Utilizamos o conceito de poder num sentido foucaultiano, poder não como algo que se detém, não como algo fixo, nem como partindo de um centro, mas como uma relação que se exerce, um poder “capilar” que está infiltrado e fluido no tecido social (Foucault, 2006).

nas diversas instâncias, pois essas representações constituem/produzem as identidades e as diferenças, posicionando os sujeitos.

Por esse viés, é a produção de significados por meio da linguagem em torno de diversos marcadores sociais, como gênero, classe, sexualidade, aparência física, etnia, geração, que vai constituir as identidades. Para Hall, o sujeito é “composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (2005:12). Os sujeitos são muitas coisas ao mesmo tempo, possuem diversas identidades, que não são fixas, essenciais ou permanentes, como, por exemplo, sua identidade de gênero, sexual, racial, religiosa, profissional, de classe social, de mãe/pai, filha/o, esposa/o, entre outras. Segundo Hall, na medida em que os sistemas de significação e representações culturais são produzidos e transformados, “somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (idem:13). Nesse sentido, essas múltiplas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses vão sendo interpelados e posicionados a partir de diferentes situações e discursos que circulam nos diversos espaços sociais. Louro destaca:

Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. Nada há de simples ou de estável nisso tudo, pois essas múltiplas identidades podem cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes ou até contraditórias. [...] Essas muitas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes e, depois, nos parecem descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes (2001:12).

Além disso, é interessante salientar que as identidades são construídas por meio da atribuição de diferenças marcadas por relações de poder. Para Silva (2005), a diferença é estabelecida por processos lingüísticos e discursivos no interior de uma determinada cultura, em um determinado contexto histórico; do mesmo modo, a significação das diferenças também pode variar de acordo com a sociedade. A diferença é entendida de forma relacional, a partir do reconhecimento do “outro”, daquele ou daquela que não partilha dos atributos que possuímos. De acordo com Louro (2001:15), as sociedades “constroem os contornos demarcadores das fronteiras entre aqueles que representam a norma (que estão em consonância com seus padrões culturais) e aqueles que ficam fora dela, às suas margens”. Sabemos que, na nossa sociedade, a norma estabelecida e colocada como referência com

relação ao corpo, refere-se ao corpo magro, jovem, saudável, belo e moderno. Assim, aqueles e aquelas que não compartilham desses atributos têm sido nomeados e nomeadas como “diferentes”⁸.

Considerando as proposições apresentadas até aqui acerca de alguns processos de construção do corpo e da identidade é que buscamos discutir, a seguir, as representações de corpo feminino em trabalho desenvolvido junto às mulheres da Colméia.

Problematizando as representações de corpo feminino

Dentre as muitas atividades desenvolvidas ao longo dos encontros do curso Mulher e Cidadania, passamos, neste momento, a “olhar”, narrar e pensar a respeito da atividade denominada **“Representando os corpos”** realizada durante um dos encontros com as mulheres da Colméia. Com essa atividade, tínhamos como objetivo conhecer e problematizar as representações de corpo feminino na perspectiva dessas mulheres. Para tanto, propusemos às mulheres que confeccionassem painéis a partir de colagem de imagens de corpos femininos com os quais se identificassem⁹.

Reportando-nos ao momento inicial da atividade, relembramos os movimentos produzidos: a escolha das revistas e jornais, o folhar das páginas desses artefatos à procura de corpos significativos para recortar, os murmurinhos e os comentários que as imagens e as revistas suscitavam. Após um tempo considerável de interação com as revistas e os jornais, iniciou-se a produção dos painéis. Pouco a pouco, muitos corpos em diferentes situações começaram a surgir. Risos, muitas conversas paralelas e discussões; naquele momento de colagem das imagens as justificativas das escolhas já começaram a acontecer. Concluídas as colagens, fixamos os painéis na parede para que todas pudessem visualizar os corpos ali apresentados. Silêncio... Todas observaram atentamente as imagens que ali estavam dispostas. Corpos magros, altos, felizes, sorridentes, jovens, expressivos, com feições delicadas, com cabelos lisos, em pose sensual, corpo despido, famoso, inserido na família, no grupo de amigos, em relações afetivas, caminhando na praia, nas passarelas da moda, usando roupas da moda, enfim, no cotidiano. Corpos que narram uma história “imposta” por uma determinada cultura e que interpelam essas mulheres produzindo identidades.

⁸ Nesse estudo, não estamos tomando diferença e desigualdade como sinônimos, pois entendemos que não necessariamente o reconhecimento da diferença produz desigualdade.

⁹ Para a realização dessa atividade disponibilizamos material para a produção dos painéis, como revistas e jornais de circulação nacional, papel pardo, cola e tesoura.

Esses corpos que se tornaram visíveis nos levaram a pensar no modelo de corpo que está em “evidência” na nossa cultura: corpos jovens, ativos, magros, “sarados”, bonitos, felizes... Tais representações nos levam a pensar que somos constantemente “bombardeados” por informações que nos chegam principalmente através dos meios de comunicação de massa, os quais veiculam significados que representam os corpos considerados “perfeitos”, que atendem aos “padrões” e aos novos estilos de vida impostos pela sociedade de consumo. Nessa direção, Souza argumenta que as diversas tecnologias/dispositivos – as imagens, os sons, os textos, as cores – utilizadas pelos meios de comunicação de massa “vêm regulando e governando as maneiras das pessoas pensarem e atuarem em relação aos seus corpos, às suas vidas e aos/às demais” (2001:131). Nesse sentido, as representações de corpo feminino veiculadas em revistas e jornais, produzem e instituem certos significados com os quais as mulheres da Colméia aprendem a se identificar, constituindo-se em artefatos culturais importantes para a regulação social.

Nessa perspectiva, consideramos importante pensar e analisar as representações de corpo que circulam em diferentes espaços sociais, na tentativa de conhecer os efeitos de representações hegemônicas de corpo feminino engendradas em relações de poder, como interpelam essas mulheres, produzindo o desejo de querer ser de determinada maneira, se reconhecer e se pensar de determinado jeito e ter vontade de “consumir” determinados produtos. Nessa direção, entendemos que tais espaços estão implicados na produção das identidades, na fabricação de determinados tipos de sujeito, (con)formando e governando os corpos de acordo com os códigos, regras e convenções estabelecidos social e culturalmente.

Feitas essas breves considerações a respeito dos significados que cada corpo escolhido pelas mulheres da Colméia suscitou, retomamos o momento em que cada uma das participantes do grupo justificava a sua escolha. Quem quer começar? Olhares... Quem vai falar primeiro... Neste momento entrevistamos dirigindo a pergunta para uma das participantes do grupo. *Pesquisadora - O que tu escolheste? Qual é a tua imagem ou representação de corpo?* Solene¹⁰, então responde, iniciando o diálogo: *Eu recortei o corpo e depois botei outra cabeça. E por que tu botaste outra cabeça? Porque essa daí só tinha o corpo, não tinha cabeça...* *P - Por que tu achas que essa mulher se identifica contigo, tu te identificas com ela?* *Ah, ela é bonita de corpo, acho que é só... a altura, o cabelo, o rosto...* *P - Tu te identificaste pelos traços físicos? Ah! Achei bonita.* E o diálogo continua... *P - Por que tu escolheste essa, Raquel? Não sei, eu achei essa perfeita, o corpo dela... o modo de se vestir eu também gostei.*

¹⁰ Os nomes apresentados nas narrativas são codinomes que foram escolhidos por cada uma das participantes. Adotamos essa estratégia a fim de preservar os nomes das participantes do curso.

P - Que mais que tinha nela que tu te interessaste, que tu colocaste como se fosse tu? O cabelo... eu queria ter o cabelo assim. P - E por que tu não tens o cabelo comprido? Ah, não sei, eu tinha cabelo comprido mais daí eu comecei a cortar e estraguei o meu cabelo, aí ele só cresce pra cima... Risos na sala. E Cláudia intervém dizendo: É bom alisar, alisa menina! Raquel faz gesto de que é preciso dinheiro para alisar o cabelo. Fernanda continua justificando a sua escolha: Eu gosto de tá assim fresquinha. Eu gostei do corpo dela, é bonito... a roupa, é porque eu gosto muito de tá assim, e os cabelos, eu gostei do cabelo dela, eu queria ter o cabelo assim... P - E por que tu não corta o teu cabelo assim? Fernanda justifica: Não, porque eu queria alisar ele também, porque se não fica feio. Na seqüência Adriana justifica sua escolha: Ah, eu sou aquela lá de vermelhinho lá. Eu gostei por causa do jeito do cabelo dela, eu vou deixar o meu cabelo crescer e eu quero fazer um corte assim, um corte pantera.

Algumas dessas narrativas que emergiram criam condições para pensarmos e discutirmos o cabelo como um marca identitária. De acordo com Louro (2000:61), “as marcas devem nos ‘falar’ dos sujeitos. Esperamos que elas nos indiquem – sem ambigüidade – suas identidades”. Assim, bastaria ler ou interpretar as marcas corporais para deduzir as identidades. Por vezes, a identificação não se dá apenas pela cor da pele, mas também pelo cabelo crespo que muitas vezes é visto como marca de inferioridade pelo próprio sujeito (Gomes, 2003). Nesse sentido, muitas mulheres utilizam diversas estratégias com a finalidade de atingir a norma estabelecida, no caso das mulheres da Colméia deixar o cabelo crescer, alisar, utilizar produtos de beleza, etc. Entretanto, entendemos que as marcas corporais assim como as identidades não são estáveis, são produzidas culturalmente, podendo ser significadas de forma diferente em outro contexto social.

As falas produzidas durante a atividade nos possibilitaram discutir, com as participantes do curso, acerca do crescente mercado de produtos e serviços destinados ao corpo, com o objetivo de atingir o “padrão” exigido ou, pelo menos, chegar ao mais próximo possível. Buscamos discutir com elas no sentido de que pensassem nos investimentos e no desenvolvimento da indústria da beleza, já que inúmeros artefatos – adornos, acessórios, roupas, cosméticos, próteses, revistas etc. – com variados preços, pretendendo atingir um público cada vez maior, são lançados diariamente no mercado de consumo, destinados a investir no corpo, na sua construção e no seu embelezamento.

De acordo com Sant’Anna (1995), a partir da década de 50 o embelezamento do corpo feminino tem tomado como referência belas aparências das musas do cinema nacional e de Hollywood, vedetes do teatro de revista e do rádio e todas elas ensinam dicas e conselhos de

beleza. Desde então, os produtos de beleza têm adquirido, na publicidade, o atributo de produzir cada mulher, “tornando-a não somente mais bela como também mais feliz e satisfeita com ela mesma” (idem:128). Segundo a autora, nessa época, as artistas de Hollywood forneciam, através das revistas femininas brasileiras, centenas de receitas de beleza. Tais revistas, influenciadas pela cultura norte-americana, apresentavam a beleza como um direito acessível a todas as mulheres, independentemente da classe social, tudo dependendo apenas do aprendizado de algumas técnicas, resultado de um disciplinamento pessoal e cotidiano. Desde a década de 50, nessas revistas torna-se freqüente a imagem de uma mulher bela e jovem, que desfruta o prazer de cuidar do próprio corpo e utilizar os produtos de beleza.

Esses ensinamentos veiculados pelos meios de comunicação de massa conformam determinados tipos de corpo como “ideais”. Assim, as pessoas almejam alcançar este corpo “padrão”, mas ele sempre “escapa” porque nunca é o mesmo, já que “os significados de suas marcas não apenas deslizam e escapam, mas são também múltiplos e mutantes” (Louro, 2003:1). Isso porque as representações de corpo não são fixas e imutáveis, elas variam de acordo com os contextos históricos, culturais e sociais. Da mesma forma, as informações que a mídia apresenta como “verdadeiras” e “únicas” também são alteradas de acordo com interesses econômicos, sociais e políticos.

Nessa direção, emagrecer, atualmente, parece ser uma das grandes preocupações da humanidade, impondo-se, sobretudo, às mulheres, mas não somente a elas, pois envolve também os homens, independentemente dos marcadores sociais – idade, classe social, raça etc. A produção da boa forma, ou seja, de um corpo de acordo com os padrões estéticos que estão em vigor é promessa de uma maior auto-estima, de mais energia e “felicidade”. Ao analisarmos as narrativas das participantes da Colméia percebemos que esse discurso do corpo magro vem interpelando essas mulheres, pois observamos em suas falas e comportamentos uma preocupação com a “boa” aparência, vinculando-a a um corpo magro, mais de acordo com a “norma” exigida.

O culto ao corpo magro, que hoje vivenciamos, nem sempre foi assim. Conforme lembra Andrade (2002:32), “em séculos anteriores, a gordura foi sinônimo de saúde, beleza, sedução”. Contudo, de acordo com essa autora, na segunda metade do século XX essa representação sofreu modificações; a magreza passou a ser o novo “ideal” de beleza, e a gordura passou a ser associada à doença e à falta de cuidado com o corpo. Nessa direção, Soares (2003:4) argumenta que “a gordura, hoje, converteu-se no grande mal a ser combatido, um mal que, aliado ao sedentarismo, outro vilão contemporâneo, torna-se objeto de combate incessante desde a mídia até programas e políticas de saúde pública”.

A partir desses argumentos, compreendemos que as representações de corpo transformam-se e mudam de acordo com o tempo. Portanto, ser gordo ou magro, bonito ou feio, estar na moda ou não, ter um corpo “perfeito”, ter cabelo curto ou comprido, são representações que foram e são produzidas em determinados contextos históricos e culturais, de acordo com interesses sociais, políticos, econômicos e tecnológicos no interior de práticas de significação engendradas por relações de poder.

Retomando as discussões que foram realizadas, notamos que algumas participantes identificaram-se com corpos inseridos no contexto familiar. Helena, ao justificar sua escolha, comenta: *O meu eu botei uma mulher com as crianças e um homem, porque eu tô sempre com as crianças... aí eu já botei as crianças junto. Mas eu procurei uma assim, com o meu corpo, com a minha... com o meu cabelo (risos), eu tô falando sincera, eu gosto de mim do jeito que eu sou, não precisaria trocar nada, mudar nada, tá bom assim. P - Tu só te vê junto com a tua família? É por causa só... que o único lugar que eu venho, que eu saio de casa e não vou com eles é quando eu venho pra cá, ao contrário eu tô sempre... eu tô sempre se eu vou aqui, se eu vou ali, tô sempre com eles.* Nessa mesma direção Gabriela comenta: *Aquela lá com a família. Eu gosto muito... sempre tem gente assim eu não gosto muito de tá muito sozinha e achei bonito eu acho que é uma mãe, uma esposa ali, filhos e... P - Vocês vêem que as duas se identificaram com a família, as outras se identificaram com o corpo, com o cabelo, com o que gosta de vestir...* E Gabriela continua dizendo: *Eu gosto... não precisa nem ser da família, sendo pessoas boas eu gosto de tá junto, tá por isso que eu gosto muito das minhas colegas, aqui por enquanto eu ainda não briguei com nenhuma (risos).*

Essas narrativas que emergiram explicitam a forte representação da mulher como mãe e o modelo familiar que circulam freqüentemente em múltiplas instâncias e artefatos de nossa cultura. Nesses espaços, as mulheres são constantemente apresentadas como mães, donas-de-casa, responsáveis pelo cuidado dos filhos e do marido. Da mesma forma, o modelo hegemônico de família, composto de pai, mãe e filhos, pode ser observado nos anúncios publicitários, nas revistas, nas novelas, nos filmes, entre outros. Essas representações apresentadas como se fizessem parte da “natureza” dos sujeitos, “norteiam muitos dos processos educativos no interior dos quais nos tornamos mulheres e homens e/ou mães e pais de determinados tipos e sua força reside, justamente, nas múltiplas, sutis e sempre renovadas possibilidades de sua repetição” (Meyer, 2003b:34).

Nesse sentido, entendemos os gêneros como invenções produzidas no âmbito social, cultural, histórico e lingüístico, produto e efeito de relações de poder, incluindo os processos que produzem, distinguem e separam os corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade

(Meyer, 2003a). Tal entendimento nos afasta daquelas vertentes que abordam “o corpo como uma entidade biológica universal (apresentada como origem das diferenças entre homens e mulheres, ou como superfície sobre a qual a cultura opera para produzir desigualdades)” (idem:16). Cabe ressaltar que não estamos negando a materialidade biológica do corpo, nem dizendo que ela não é importante, mas direcionando as discussões para os processos que possibilitam que as características biológicas passem a funcionar como justificativa para as desigualdades e posicionamentos sociais. De acordo com Louro, “teorias foram construídas e utilizadas para ‘provar’ distinções físicas, psíquicas, comportamentais; para indicar diferentes habilidades sociais, talentos ou aptidões; para justificar os lugares sociais, as possibilidades e os destinos ‘próprios’ de cada gênero” (2004:45). Para exemplificar esse entendimento, podemos citar o pressuposto de que as mulheres estariam destinadas à maternidade, ao cuidado dos filhos, ao mundo doméstico, à sensibilidade e às emoções. E os homens, à esfera pública, ao domínio, às grandes decisões. Portanto, entendemos que a feminilidade e a masculinidade não são constituídas propriamente pelas características biológicas, mas por tudo o que se diz ou se representa a respeito dessas características.

Nessa direção, percebemos nas falas das mulheres a emergência de algumas características culturalmente atribuídas às mulheres, tais como a mulher “romântica”, “séria”, “quieta” e “carente”. Joseane selecionou uma mulher e um homem, ambos abraçados na chuva, atribuindo a escolha ao romantismo da cena, ao justificar ela argumentou: *geralmente quando eu tô em casa é assim. P - Tu te identificaste então pela relação e não pelos aspectos físicos? E só. É loira, eu sou loira (risos)*. Letícia justificou a sua escolha da seguinte maneira: *Ah, eu achei ela bonita, o corpo dela assim, e o cabelo também, e o jeito de ser meio quieta, meio calada. P - Ah, o jeito dela é meio quieta!? É séria. P - É verdade, a Cátia quase não fala*. E a Letícia continua dizendo: *É, e porque é bonito né, o cabelo dela, eu não tenho né, mais ali é bonito*. Já a Julia identificou-se com uma mulher que estava sendo acariciada no rosto, dizendo estar carente e acrescentou: *carinho é ótimo, eu me sinto carente, eu sou sozinha, mas é bom a gente ter um calor, carinho especial*, enfatizando que esse carinho especial seria de um homem. É pertinente destacar, também, que uma das mulheres identificou-se com uma mulher que estava ao lado de um policial; ao explicar a sua escolha, Cíntia disse o seguinte: *O meu marido gostaria de ser brigada, é o sonho dele, mas nunca foi*. Cabe acrescentar que a Cíntia, sempre que narrava as suas vivências, enfatizava a importância do marido na sua vida, dizendo que ele era muito “bom” e que estava muito feliz com ele, pois não brigava em casa e ajudava nos afazeres domésticos e no cuidado com os filhos. Essa narrativa nos propõe pensar conforme argumenta Swain (2000:48), que “estes traços

desenhados por valores históricos, transitórios, naturalizam-se na repetição e reaparecem fundamentados em sua própria afirmação: as representações da ‘verdadeira mulher’ e do ‘o verdadeiro homem’ atualizam-se no murmúrio do discurso social”.

Também emergiu nas narrativas a presença de uma mulher “famosa”, reforçando a forte influência das artistas na vida das pessoas, sejam elas nacionais ou internacionais. Laura identificou-se com a Madonna, cantora conhecida mundialmente por suas músicas e por suas atitudes sempre “polêmicas” e “irreverentes”. Apresentou a escolha comentando: *Eu escolhi a loirinha, a Madonna, não pela aparência dela, porque a aparência ela é muito bonita, qualquer uma delas são bonitas, mas quem vê as entrevistas dela... vê ela é bem impulsiva, [...] se ela tá sendo entrevistada ela responde o que ela quer, ela não é de pensar, e eu sou assim, eu falo, eu às vezes até me arrependo do que eu falo, mas eu sou assim.*

Ao consideramos o gênero como um construto sociocultural e lingüístico, entendemos que não existe uma única forma de viver a feminilidade, assim como não existe “a mulher”, mas várias e diferentes mulheres que não são idênticas entre si, que aprenderam a ser de determinado jeito, a apresentar e a valorizar determinadas características no interior de um grupo social, características que em outro grupo podem ser totalmente insignificantes.

Nessa perspectiva, as diferentes instituições, os discursos, os códigos, os símbolos, as práticas educativas, as leis e as políticas de uma sociedade são espaços “generificados”, constituídos e atravessados pelas representações de gênero e, ao mesmo tempo, produzem, expressam e/ou (re)significam as referidas representações (Louro, 2004; Scott, 1995). Esses espaços e práticas sociais constituem os sujeitos, inscrevendo diferentes marcas nos corpos, moldando e regulando as percepções, os gestos, os sentimentos, os valores, as crenças, os hábitos, as maneiras de ser, de se perceber e de agir como mulher ou homem de um grupo específico, em uma dada sociedade, em um determinado contexto.

Entretanto, Louro adverte que embora a produção dos sujeitos seja um processo plural e permanente, não é “um processo do qual os sujeitos participem como meros receptores, atingidos por instâncias externas e manipulados por estratégias alheias. Ao invés disso, os sujeitos estão implicados e são participantes ativos na construção de suas identidades” (2001:25). Assim, entendemos que, embora as múltiplas instâncias sociais coloquem em ação diversas estratégias de governo, as mulheres da Colméia podem resistir a elas, produzindo e determinando suas formas de ser, de agir e pensar.

Ao longo deste texto não tivemos como propósito analisar as representações de corpo feminino veiculadas nos meios de comunicação de massa, mas, sim, buscamos, através da análise das narrativas das mulheres da Colméia, tornar visível como as nossas experiências se

encontram, atualmente, impregnadas por essas práticas discursivas, e com isso “chamar a atenção para os seus efeitos na constituição daquilo que nos tornamos ou do que, geralmente, referimos como ‘o meu corpo’ ou ‘a minha vida’” (Souza, 2001:134).

Nesse sentido, entendemos que problematizar as representações e os discursos que falam sobre o corpo feminino, os quais estão engendrados em relações de poder, têm nos possibilitado compreender, de alguma maneira, as formas pelas quais muitas mulheres não estão satisfeitas com o seu corpo e, portanto, consomem produtos e investem no corpo, um corpo que deve ser belo, saudável, magro, jovem, estar de acordo com a moda atual e apresentar determinadas atitudes, valores e comportamentos. Percebemos que esses significados vêm interpelando as mulheres da Colméia, que buscam de alguma maneira se incluir nesse discurso, uma vez que elas investem no corpo de acordo com suas condições financeiras, que as identifica como pertencentes à determinada cultura. Assim, entendemos ser importante pensar acerca dos discursos que inscrevem nosso corpo e constituem nossas identidades. Afinal, como não deixar de pensar e falar sobre o corpo em uma sociedade na qual ele adquiriu tamanha “evidência”?

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Sandra dos Santos. 2002. **Uma boa forma de ser feliz: representações de corpo feminino na revista Boa Forma**. Dissertação – Mestrado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

COSTA, Marisa V. 2004. Estudos Culturais – para além das fronteiras disciplinares. In: _____ (Org.). **Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema,...** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, p. 13-36.

FOUCAULT, Michel. 2006. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal.

GATTI, Bernardete A. 2005. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber Livro.

GOELLNER, Silvana V. 2003. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira L. et al. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Rio de Janeiro: Vozes, p. 28-40.

GOMES, Nilma L. 2003. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar

sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n.1, p. 167-182, jan./jun.

HALL, Stuart. 1997. The Work of Representation. In: _____ (Org.) **Representation. Cultural Representations and Signifying Practices**. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi.

_____. 2005. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A.

LARROSA, Jorge. 1994. Tecnologias do Eu e educação. In: SILVA, Tomaz T. da. (Org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, p.35-86.

LOURO, Guacira L. 2000. Corpo, escola e identidade. **Revista Educação & Realidade**. Produção do corpo, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59-75, jul.-dez.

_____. 2001. Pedagogias da sexualidade. In: _____. et al. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, p.7-35.

_____. 2003. Corpos que escapam. **Labrys – Estudos Feministas**, www.unb.br/ih/his/gefem.

_____. 2004. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes.

MEYER, Dagmar E. 2003a. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira L. et al. **Corpo Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Rio de Janeiro: Vozes, p. 9-27.

_____. 2003b. Educação, saúde e modos de inscrever uma forma de maternidade nos corpos femininos. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 3, set./dez., p. 33-58.

NICHOLSON, Linda. 2000. Interpretando o gênero. **Estudos Feministas**, v. 8, n. 2, p. 9-41.

SANT'ANNA, Denise B. de. 1995. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: _____. (Org.) **Políticas do Corpo: elementos para uma história das práticas corporais**. São Paulo: Estação Liberdade, p. 121-140.

SANTOS, Luiz H. 2002. Incorporando “outras” representações culturais de corpo na sala de aula. In: OLIVEIRA, Daisy L. de. (Org.). **Ciências na sala de aula**. Porto Alegre: Mediação, p. 97-112.

SCOTT, Joan. 1995. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p.71-99.

SILVA, Tomaz T. da. 2004. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica.

_____. 2005. A produção social da identidade e da diferença. In: _____ (Org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, p. 73-102.

SOARES, Carmen Lúcia. 2003. Pedagogias do corpo. **Labrys – Estudos Feministas**, www.unb.br/ih/his/gefem.

SOUZA, Nádia S. de. **Que corpo é esse? O corpo na família, mídia, escola, saúde...** 2001. 164f. Tese – Doutorado em Bioquímica, Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

STEINBERG, Shirley R. 1997. Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, L. H. da et al. **Identidade social e a construção do conhecimento**. Porto Alegre: SMED, p. 98-145.

SWAIN, Tania Navarro. 2000. A invenção do corpo feminino... **Revista da Pós-Graduação em História da UnB**, v. 8, n. 1/2, p. 47-84.

VEIGA-NETO, Alfredo. 2004. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa V. (Org.). **Estudos Culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema,... Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, p. 37-69.